



GRUPO I Francês supera Ronaldo, alcança Klose e continua na corrente em busca do Rei da Copa



Mbappé em... Procurando Messi

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Filadélfia — Você certamente assistiu a *Procurando Nemo*, o filme de animação sobre o peixinho atrevido disposto a desafiar até o pai em busca de uma corrente oceânica capaz de levá-lo a novas aventuras. Aos 27 anos, Kylian Mbappé entrou em uma correnteza sem volta: a caça ao recorde de Lionel Messi.

Horas depois de o argentino, eleito oito vezes melhor jogador do mundo, provocar um tsunami ao marcar duas vezes na vitória da Argentina sobre a Áustria e alcançar 18 gols em Copas do Mundo, o astro do Real Madrid escreveu mais um capítulo de “Procurando Messi”.

Na vitória da França por 3 x 0 sobre o Iraque, ontem, em uma partida marcada por alertas de tempestade severa, chuva, duas evacuações do estádio e mais de

uma hora de paralisação no Lincoln Financial Field, Mbappé voltou a balançar a rede.

Depois de estreiar com dois gols diante do Senegal, em Nova Jersey, o atacante repetiu a dose e chegou a 16 em Mundiais. Primeiro, igualou Ronaldo, o Fenômeno. Depois, alcançou Miroslav Klose. Ainda falta caminho, mas o fluxo segue favorável.

Nemo ouve o mantra “continue a nadar” para sobreviver. Mbappé parece escutar “continue a marcar”. A diferença para Messi agora é de apenas dois gols. Pouco para quem ostenta quatro dos 16 em finais de Copa — um no título de 2018 e três no vice-campeonato de 2022.

No caminho dele resta um tubarão: agora ao lado de Klose, com 16, Messi tem 18. A Pulga precisou de seis Copas para atingir a marca. A coleção de Mbappé foi montada em três participações. Em duas rodadas, superou Pelé, Gerd Müller, Ronaldo

e continua singrando os mares.

A partida de ontem teve significado especial. Mbappé completou 100 jogos pela França. Maior artilheiro da história dos Bleus com 60 gols, à frente de lendas como Thierry Henry, Michel Platini, Karim Benzema e Zinedine Zidane, precisou de 14 minutos para deixar a marca dele no primeiro tempo. Recebeu a bola na entrada da área, ajeitou para a perna esquerda e acertou um chute indefensável no ângulo direito do goleiro Ahmed Basil. Antes da explosão de alegria, ouviu-se nas arquibancadas um som raro: o espanto diante da violência e da precisão da finalização.

Na etapa final, recebeu mimo de Dembélé e ampliou depois de uma falha gravíssima do zagueiro Tahssen na cobrança do tiro de meta. Atual número 1 do mundo, Dembélé ampliou para 3 x 0 com uma finalização impecável depois de receber passe milimétrico de Olise.

Ver Mbappé jogar é quase uma

garantia de espetáculo. Parte disso se explica pela capacidade de reinvenção. Em 2018, ele atuava aberto pela direita. No Catar, assumiu a faixa esquerda do ataque. Em 2026, transformou-se em um centroavante apoiado por uma linha de criação fantástica formada por Dembélé, Olise e Barcola.

Se era confortável dividir o ataque com Antoine Griezmann e Olivier Giroud nas últimas Copas do Mundo, imagine cercado por uma geração ainda mais técnica e veloz. Ainda assim, a França convive com um desafio. Embora Didier Deschamps disponha de um elenco extraordinário, a equipe segue cobrada por aliar eficiência e espetáculo.

“Existe uma cultura do momento. As equipes vencedoras sempre inspiram o futebol atual e sempre têm razão. Desde que defendo a França, pedem que imitemos o Barcelona e o jogo de posse de bola, o Real Madrid e agora o estilo de contrapressão

do Paris Saint-Germain”, desabafou Mbappé na véspera da partida.

A França reúne talento suficiente para sonhar com o tricampeonato. Mas talvez o maior adversário habite dentro do aquário. Em um elenco repleto de estrelas, o equilíbrio entre individualidades e coletividade pode definir o destino da equipe na América do Norte. Deschamps mantém o grupo sob controle, como o pai de Nemo, mas sabe que a desobediência costuma ser a rota mais curta para transformar favoritos em decepções.

Aos 27 anos, Mbappé disputa a Copa da maturidade. Não corre mais apenas atrás de títulos. Nada em direção à própria imortalidade. Klose já está ao lado dele. Messi continua à frente. A corentenza parece empurrar o francês na direção da história. E quem acompanha a viagem tem a sensação de que o próximo capítulo de “Procurando Messi” é apenas uma questão de tempo. Ou de mais um ou duas Copas.

Haaland completa o menu de luxo da segunda rodada

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — A segunda-feira ofereceu um cardápio de luxo aos apreciadores de futebol. Como entrada, Lionel Messi marcou duas vezes na vitória da Argentina sobre a Áustria e assumiu a liderança isolada da artilharia histórica das Copas do Mundo. O prato principal veio com o bis de Kylian Mbappé no triunfo da França contra o Iraque, colocando-se como principal perseguidor do argentino. Faltava a sobremesa. Coube a Erling Haaland servi-la no MetLife Stadium. Com dois gols na vitória

por 3 x 2 sobre Senegal, o norueguês garantiu a classificação antecipada dos vikings para o mata-mata.

Segundo jogador mais valioso desta Copa do Mundo, atrás apenas do espanhol Lamine Yamal, Erling Haaland chegou ao MetLife Stadium disposto a não ficar fora do menu. Antes do intervalo, parou em Edouard Mendy, acertou a trave e demonstrou toda a irritação de quem se recusava a não ser protagonista. Ajoelhava-se, esmurrava o gramado e parecia não acreditar que não deixaria a assinatura na vitória norueguesa.

Era questão de tempo. Pederсен serviu a primeira porção

do banquete aos 43 minutos do primeiro tempo, ao aproveitar erro da defesa senegalesa e abrir o placar. O gol obrigou os africanos a abandonar a postura cautelosa e deixou o campo à disposição da principal especialidade norueguesa: os contra-ataques.

Com mais espaço para correr, Haaland encontrou o cenário ideal. Logo aos dois minutos da etapa final, recebeu passe do maestro Odegaard e, cara a cara com Mendy, fuzilou as redes. Senegal desconfortou com Sarr e chegou a ensaiar uma reação, mas o centroavante viking tratou de encerrar qualquer suspense. Após uma jogada confusa

na área, aproveitou cruzamento da direita, finalizou firme e contou com a ajuda do travessão para marcar mais uma vez. A sobremesa estava servida. Aos 45 minutos, Ismaila Sarr voltou a reduzir a desvantagem senegalesa, mas não havia tempo para reação.

A fartura não é novidade para os noruegueses. Desde 2023, apenas quatro partidas da equipe terminaram sem gols: duas contra a Espanha, uma diante da Suíça e outra contra o Cazaquistão. O restante foi uma sequência quase ininterrupta de ataques bem-sucedidos. Foram 22 gols em 2023, 21 em 2024, 39 em 2025 e mais 12 em 2026.



Gigante norueguês fez dois gols contra Senegal: triunfo por 3 x 2

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

Salah e a última praga do Egito

Quando Mohamed Salah marcou o terceiro gol da vitória por 3 x 1 sobre a Nova Zelândia, no domingo, em Vancouver, pela segunda rodada do Grupo G, não encerrou apenas uma partida da primeira fase da Copa do Mundo. O camisa 10 ajudou a eliminar uma maldição que perseguiu o Egito havia quase um século.

Berço de uma das civilizações mais fascinantes da humanidade, terra dos faraós, das pirâmides e das 10 pragas narradas no livro do Êxodo, o Egito carregava uma incômoda praga moderna no futebol: jamais havia vencido um jogo em Copa do Mundo.

Foram participações em 1934, 1990 e 2018. Sete partidas disputadas. Cinco derrotas. Dois empates. Nenhuma vitória.

Até Salah.

Aos 34 anos, o maior jogador da história do futebol egípcio chegou aos Estados Unidos para disputar, provavelmente, a última Copa do Mundo. Dono de uma carreira brilhante na Europa, especialmente com a camisa do Liverpool, ele colecionou títulos, gols, recordes e prêmios individuais. Faltava apenas uma marca capaz de conectá-lo definitivamente ao imaginário nacional.

Ela veio na noite de Nashville.

Além do gol, Salah participou diretamente da construção da vitória do líder Egito e transformou uma página amarga da história da seleção em lembrança. Depois de décadas de frustrações, os Faraós encontraram o caminho da terra prometida nos Mundiais.

O simbolismo é poderoso.

Se as 10 pragas do Antigo Testamento marcaram a libertação de um povo, Salah parece ter eliminado a última praga futebolística da geração dele: a incapacidade egípcia de vencer na maior competição do planeta.

A história de Salah nunca foi apenas sobre futebol. No Egito, ele transcende o esporte. É ídolo nacional, símbolo de ascensão social e personagem capaz de unir um país de mais de 100 milhões de habitantes. A influência ultrapassa as quatro linhas.

A primeira vitória egípcia em Copas dificilmente será lembrada pelo resultado. Entra para o almanaque quase centenário do torneio como a noite em que Mohamed Salah, o Rei do Egito, finalmente libertou os Faraós de um fantasma que atravessou gerações.

“Berço de uma das civilizações mais fascinantes da humanidade, o Egito carregava uma incômoda praga no futebol: jamais havia vencido em Copas”

Espanha

O treino da Espanha, ontem, durou apenas 15 minutos devido a uma tempestade e um alerta de tornado em Chattanooga, Tennessee, um dia após a vitória por 4 x 0 sobre a Arábia Saudita, em Atlanta. “Aviso de tempestade severa em vigor para esta área. Possibilidade de ventos destrutivos de 128km/h”, alertou o serviço meteorológico.

Bélgica

O atacante belga Jérémy Doku deixou temporariamente a concentração dos ‘Diabos Vermelhos’ na Copa do Mundo, no domingo, para acompanhar o nascimento do primeiro filho, um menino chamado Praise, em Londres, anunciou a Federação Belga ontem. O jogador retornará ao elenco na noite de hoje para se preparar para a terceira rodada.

México

Vestido com a camisa verde da seleção mexicana e acompanhado da família humana, Merlin, o pato que se tornou mascote não oficial da Copa, foi recebido, ontem, pela presidente do México, Claudia Sheinbaum. Após ser nomeado “embaixador” da Fifa e aparecer em diversas publicações, a imagem e o nome de Merlin serão patenteados.

Alemanha

O zagueiro alemão Nico Schlotterbeck perderá o restante da Copa do Mundo devido a uma lesão nos ligamentos do tornozelo esquerdo que o deixará fora dos gramados por vários meses, anunciou a Federação Alemã. A ausência do jogador de 26 anos deve recolocar Antonio Rüdiger no time titular. Waldemar Anton e Malick Thiaw são alternativas.

Egito

Com gol que selou a virada e uma assistência, Mohamed Salah assumiu o protagonismo para conduzir o Egito a vitória por 3 x 1 sobre a Nova Zelândia, no domingo, em Vancouver, no Canadá, deixando a seleção africana à beira da classificação para os 16-avos de final da Copa, na liderança do Grupo G. Foi o primeiro triunfo egípcio em Mundiais.

Uruguai

O técnico do Uruguai, Marcelo Bielsa, criticou duramente as paradas para hidratação em todas as partidas da Copa, argumentando que elas alteram desnecessariamente a natureza do futebol. “Jogar quatro períodos em vez de dois altera a concepção cultural de como o futebol é entendido. Essa mudança não acrescenta nada, mas retira muito”, afirmou.